

Robert Barone: o SJ que é também NF

João Sérgio Lauand¹

Resumo: O artigo analisa, a partir dos tipos psicológicos de David Keirsey (combinações dos fatores: I/E, S/N, T/F, J/P), alguns aspectos do temperamento da personagem Robert Barone da série televisiva “*Everybody Loves Raymond*”. Apresenta e discute aspectos do comportamento no dia a dia, em situações concretas da vida. A tipologia de Keirsey mostra-se uma ferramenta útil para a Psicologia, com fecundas aplicações para a educação.

Palavras Chave: David Keirsey. Tipos de Temperamento. *Everybody Loves Raymond*.

Abstract: This study analyzes, from the psychological types of David Keirsey (combinations of factors: I/E, S/N, T/F, J/P), some temperament aspects of the character Robert Barone of the TV series “*Everybody Loves Raymond*”. And shows a sample of how she behaves in everyday life, in concrete situations of life. Keirsey’s types prove to be a useful tool for Psychology with fruitful applications in education.

Keywords: David Keirsey. Temperament Types. *Everybody Loves Raymond*.

Introdução – Robert Barone

Tendo já analisado no artigo anterior e em outros três², os protagonistas personagens – Raymond, Frank, Marie e Debra – da renomada série televisiva “*Everybody Loves Raymond*” (abrev.: ELR), e aproveitando as introduções a ELR e à teoria de Keirsey, apresentadas no estudo anterior deste mesmo volume, contemplamos agora (somente em alguns poucos aspectos) o último protagonista da série: Robert (abrev.: Rb), o irmão de Raymond (abrev.: R).

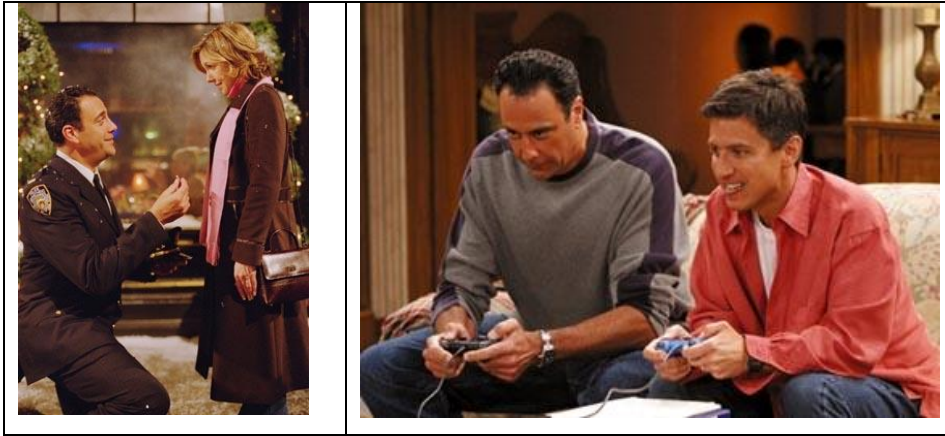
Robert (interpretado por Brad Garrett) é forte e muito alto, de voz trovejante quando irritado, e cheio de cacoetes, como o de tocar o bocado de comida no queixo antes de levá-lo à boca. Cacoetes desenvolvidos, talvez, por conta da clara preferência da mãe (e de todos) pelo caçula Raymond.

Apesar da onipresente rivalidade e das desavenças fraternas – em ambos, dá-se um imaturo espírito de competição, mesmo em bobagens; as pequenas brigas, as constantes alfinetadas verbais (tão comuns entre irmãos) –, Robert sente um profundo afeto de irmão por Ray e procura cuidar dele. Robert, policial há mais de vinte anos (ao longo da série é promovido a sargento e a tenente), é responsável e inflexível; mas, fora de suas funções, tem um coração terno e sensível (especialmente para com os sobrinhos), é o *gentle giant*³, o João Grandão, um “cara legal” e um tanto desengonçado, embora também impulsivo e sujeito a explosões de ira, sobretudo ante as injustiças: é a consciência moral dos Barone e seu senso ético é aguçado, sendo o único da família que tem questionamentos de NF (sentido da existência etc.).

¹ Doutor em Teologia (PUSC-Roma). Professor da Escola Dominicana de Teologia.

² Publicados em artigos da revista *International Studies on Law and Education*, Nos. 5 e 6 (2010) e *Notandum* No. 23, “David Keirsey e a TV – o caso de Raymond”; “Keirsey e a TV – o caso de Frank” e “David Keirsey e a SJ Marie Barone” respectivamente em: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>; <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf> e <http://www.hottopos.com/notand23/index.htm>

³ Hay, Alex “Robert from *Everybody Loves Raymond* Character Analysis”. Acesso em 18-04-10. <http://ethicallyinsane.blogspot.com/2008/10/robert-from-everybody-loves-raymond.html>



Depois do divórcio com Joanne (o casamento durou poucos episódios), volta a morar com os pais. Namora a melhor amiga de Debra, Amy, por anos e finalmente se casam (ELR último episódio da 7a. temporada).

Uma das tantas ambivalências de Robert é a de, apesar de, no fundo, amar seu irmão, manifesta incontida alegria quando Ray se dá mal e não aceita ser passado para trás por ele, nunca deixando de buscar revanches e vinganças.

Além de Ray ser o preferido da mãe (fato óbvio, embora Marie insista em negar), incomoda-o que Ray seja bafejado com todos os dons do destino, enquanto ele só se dá mal... Já no primeiro episódio da série, Robert, ao saber de um troféu que o irmão ganhou como jornalista, desabafa (e “sem querer” explica o nome da série): “Everybody loves Raymond. I go to work, people shoot at me. Ray goes to work, people do the wave.”

Robert é um daqueles casos em que a base temperamental, além de não ser muito nítida (o próprio teste de Keirseey contempla casos de fronteira), fica camuflada pela história de vida: sofrimentos, indiferenças, ressentimentos, a educação recebida de Frank e Marie etc.

Robert aparece instalado na incômoda situação de vida de ver-se preterido pela mãe (e, de certo modo, por todos) em favor de Ray, para quem tudo sempre dá certo e sem esforço: Robert é (na maioria dos episódios) solteiro e seu primeiro casamento foi um desastre, logo acabando em divórcio; Ray tem uma mulher e filhos maravilhosos. Ray, como colunista de esportes de um importante jornal, tem um emprego fácil e rentoso que o torna super popular; Robert, como policial, só enfrenta dificuldades. Etc.

Robert e seu temperamento dual

Robert é, em termos de temperamento, um personagem coringa: como policial tem um realismo S, fria objetividade T e procedimentos J. Como STJ, vêmo-lo implacável no cumprimento do dever; inflexível, mesmo em relação aos parentes e ao próprio pai.

Como ocorre no episódio 21 da 2ª. temporada (“Traffic School”). Robert está fazendo um bico no departamento de trânsito e dá cursos para recuperação da carta ou cancelamento de multas para motoristas infratores, como os SP Frank e Ray. E propõe um curso intensivo em casa, ao final do qual, poderá remover as multas do irmão e do pai. Frank, ao ser convidado para o curso, propõe em vez disso que Robert assine o certificado sem que ele assista às aulas.

Rb: Don't you have an outstanding moving violation, Dad?

F: I wouldn't say outstanding. It was pretty good, though.

Rb: If you let me practice my class on you... it'll take the ticket off your record and your insurance won't go up.

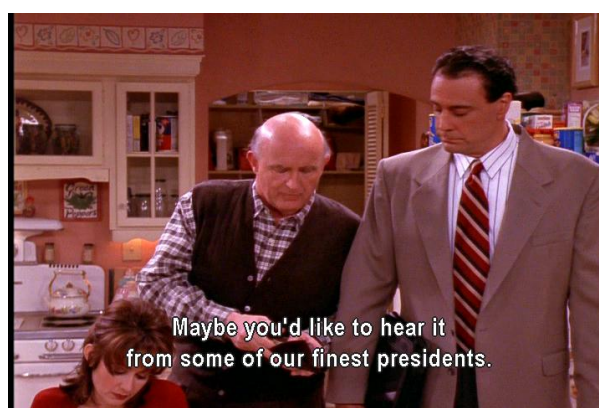
F: Wait a minute. You can do that? Then why don't you just sign the thing that says I went?



Robert recusa veementemente.



E Frank (em vão...) tenta suborná-lo: já que você não quer me ouvir, quem sabe escute alguns dos nossos mais ilustres presidentes...



No episódio 9 da 1ª. temporada, Robert chega mesmo a ameaçar seriamente o pai, despreocupado em cumprir as leis, com prisão e algemas.

Por outro lado, em diversos episódios, Robert aparece como um terno e sensível NF. Essa dualidade (SJ/NF) no temperamento do personagem é por vezes conflitante e o próprio Robert tem consciência dessa sua contradição interna e, no episódio 3 da 8ª. temporada (Home from School), explicita-a.

O pequeno sobrinho Michael de repente recusa-se a ir à escola e todos os esforços dos pais são em vão: há já dois dias que está faltando. Robert entra na casa de Ray e, ao tomar conhecimento do problema, pede a Ray e a Debra que resolvam o caso, para ele não ter que enfrentar o seu conflito NF x STJ:

- That's truancy. Not that I'd report it, but please, don't make me choose between Robert the Uncle and "Robert the Sworn Defender of the Law."

A busca NF pelo sentido x o fator S

O “lado” NF de Robert vai servir de contraste com todos os outros protagonistas de ELR, que analisamos nos referidos estudos anteriores. Se Frank, Marie, Ray e Debra são diferentes, têm em comum o fato de serem implacavelmente S; S de *sensible*: realistas, pés no chão, práticos e sem devaneios.

Ou como diz Keirse do fator S:

The sensation-preferring or "sensible" person wants facts, trusts facts, and remembers facts. He believes in experience and knows through experience (history), both personal and global. He might be described as earth-bound, as grounded firmly in reality, anchored to earth-a terrestrial. When a sensible talks to people, he is interested in their experience, their past⁴.

Frequentemente, os quatro personagens S invocam seu valor característico: o realismo (um realismo brutal, no caso de Frank), encarar o mundo como ele é. O que, naturalmente, pauta também seus valores pedagógicos, como no episódio 12 da 7ª. temporada (“Grampa steals”).

Acompanhado da netinha Ally, Frank cria um caso no supermercado ao ser pilhado em um pequeno furto. Debra preocupada com o mau exemplo do avô para com sua filha, tenta argumentar com Frank:

D: Frank... have you ever heard the saying, "It takes a village to raise a child"? I believe that. And I believe that you're a part of our village. We're just trying to teach them proper values.

F: Listen, I don't know what the hell village you're talking about... but I live in Real World, USA. So you can spare me your lecture.

⁴. Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 17.

Sempre contra qualquer tipo de devaneio, já no episódio 2 da 1ª. temporada (“I love you”), Frank atalha Raymond, que – movido por Debra – atreve-se a perguntar, todo sem jeito, por que os Barone nunca dizem uns aos outros: “I love you”:

R: Listen, Dad. I was wondering something. When was the last time... that you said, "I love you"... to anybody?

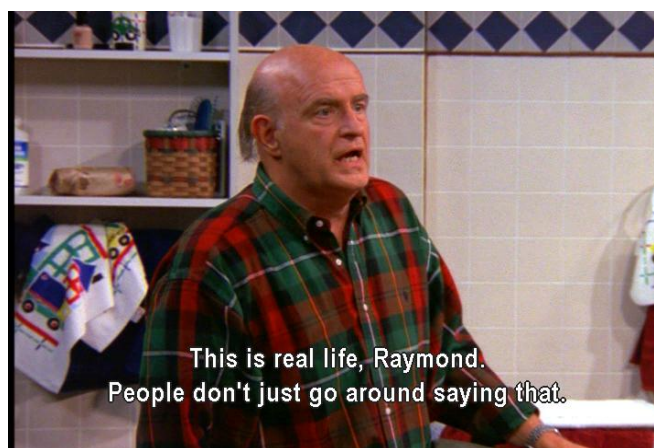
F: "I love you"?

R: Yeah.

F (perplexo): What, do you live in a freaking fairyland or something?

R: I just wanted to know.

E ouve a resposta do pai:



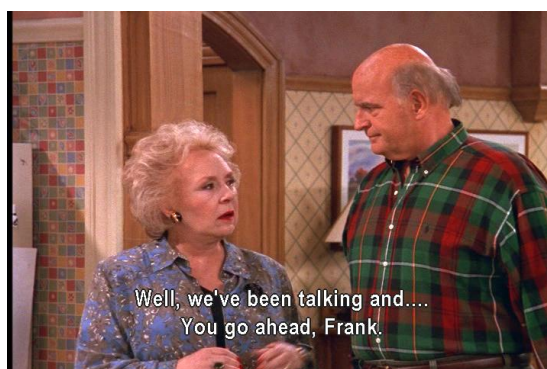
Pouco depois chega Marie, ralhando com Frank, e pergunta sobre o que estavam conversando:

R: I was asking, that's all. I was just asking... how come nobody ever says, "I love you" around here? But I'm starting to realize what a stupid question that is.

E acaba ouvindo também de sua mãe:



O potencial cômico da situação revela-se quando, após Marie e Frank conversarem, num esforço supremo, Frank diz:



Mas o choque entre o Robert NF e os *sensibles* manifesta-se quimicamente puro no episódio 19 da 6ª. temporada (“Talk to your daughter”).

O NF (12% da população) sempre anda em busca do sentido e do significado da existência, para perplexidade dos S, para quem, na prática, basta ir vivendo e raramente se detêm nesses questionamentos. “This reluctance of 88 percent of the world to join the search for self-actualization is a great source of mystification to the NFs⁵”.

Nesse episódio, a pré-adolescente Ally pergunta de onde vêm os bebês e Ray entra em pânico. Quando, dias depois, resolve enfrentar a situação, após muita leitura de biologia reprodutiva etc. é surpreendido pelo fato de Ally não estar interessada no modo como papai e mamãe fazem os bebês, mas sim no sentido da existência: “Why are we born? Why has God put us here?”

Absolutamente despreparado para questionamentos NF, Ray se desespera e fica sem ação. Ally aprofunda nas indagações NF: “If we all go to Heaven when we die, then why does God want us here first?”. Ray, perplexo, embarca numa resposta tola, foge e resolve levar o problema para o “conselho” familiar.

Nesse ponto, começa a oposição entre os acentuadamente práticos e “pés no chão” S – Debra, Frank, Marie e Ray – (incapazes de lidar com esse estranho questionamento) e Robert, como único NF.

⁵. Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 61.

R: I got blindsided! Ally didn't want to talk about sex. She started asking questions about life... why did God put us here, **crazy stuff** like that. I got ambushed! [...]

[D tenta repreender Ray, mas também não tem a menor idéia de como lidar com essas questões...]

M: You were gonna talk to a child about s-e-x?

R: If she's asking questions, we have to answer her.

M: No, you don't. My boys had all sorts of questions, but I had Frank wait until they were teenagers to talk to them.

Rb: Nobody talked to me.

R: Me neither.

M: Frank, you told me you'd talk to them.

F: Why? What did they need to hear? No one needs to tell a bee where to go to get the honey. [...]

[Ao tomarem conhecimento do real problema, Frank é o primeiro a opinar]

F: It's simple.

R: Oh, okay. Yeah. We're gonna learn the meaning of life from a guy who once threw his shoe at a swan.

F: That's called protecting your sandwich. Listen to me. Here's what life is... you're born, you go to school, you go to work, you die. That's it. That's all. Cannoli, Marie.

Robert enche-se de coragem e confessa seus próprios questionamentos, expondo-se ao deboche de Frank:

Rb: Yeah. The big question is why we're here in the first place. I've spent many a night lying in bed thinking about this kind of stuff. Life's imponderables.

F: You need to find yourself a broad, and pronto.

Rb: Where are we in the big scheme of things?

F: Don't got to be a pretty one. Just grab something.

[Debra também tenta dar uma solução rápida]

D: Ray, just get up there and tell her that God put us on Earth to help each other. It's simple, it's direct, it's a good way for her to live her life.

R: What are you talking about? That doesn't answer anything. [...]

De fato, nenhum dos S dá importância aos questionamentos de Robert. Marie, prática, pega a Bíblia, “que tem solução para tudo” e vai folheando em vão versículos que não têm relação com o caso...

Robert retoma suas indagações:

Rb: You ever think about space? What is it? Is it really endless? If you had a spaceship, could you go flying and flying forever?

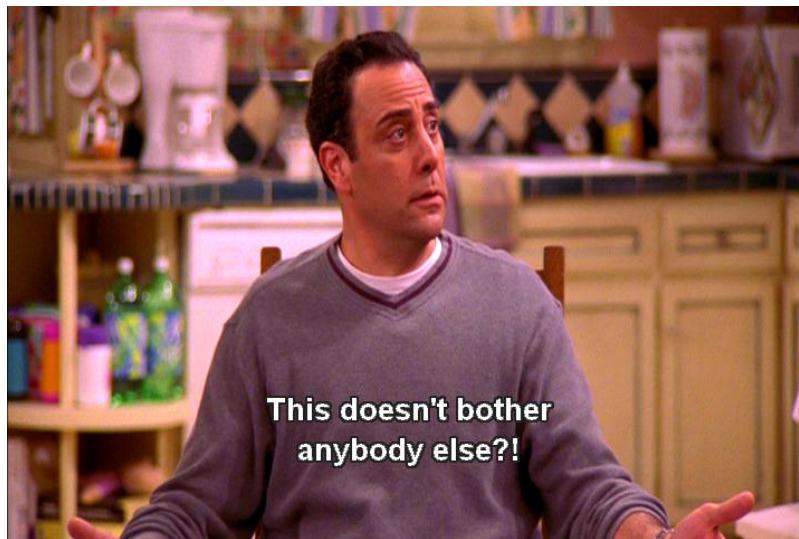
F: Why don't you give it a shot?

Rb: No! I'm not kidding around here. How can space go on forever, and if it doesn't, then what's at the end, huh?

[Agora é Marie que despreza os questionamentos de Robert]

M.: Stop it, Robbie, you'll give yourself a tummy ache.

Rb: What about the beginning of time? What was there before that, before time? Nothing? I mean, what is nothing? How could there be nothing? This doesn't bother anybody else?!



É a perplexidade do NF, a que se referia Keirse, ante a indiferença dos S para com “os grandes temas” (naturalmente, ao longo da série, há diversos outros choques de temperamento, mas aqui restringimo-nos a essas limitadas amostras).

Robert continua absorto em suas perguntas: “Do you know the fruit fly only lives one day? One day. What's his meaning of life, huh? Maybe there's no meaning of life for any one of us. I mean, really, am I any different than the fruit fly?”

E Frank encerra a questão, no melhor estilo S: “Tell Ally to come down here. I'll set her straight. No more **nonsense**.”

Recebido para publicação em 09-10-10; aceito em 18-10-10